



MUSEU DO FADO

Morreu Nuno Teotónio Pereira, arquiteto cuja vida e obra foi uma “lição de humanidade”

O arquiteto é reconhecido pela importância das obras que assinou mas também como uma “figura ética” com uma forte consciência social

DIOGO VAZ PINTO
diogo.pinto@ionline.pt

Nuno Teotónio Pereira faria 94 anos no último dia do mês. Morreu ontem, pela manhã, com a família junto de si. O arquiteto lisboeta, nascido a 30 de janeiro de 1922, foi um homem moderno por exce-

lência. Teve um papel de destaque numa poderosa transformação do universo social, político e arquitetónico português. Figura fortemente engajada, lutou pela realização de projetos de habitação social, fez parte de diversos movimentos políticos e culturais, participou da inventariação do património cultural português

Teotónio Pereira foi um histórico defensor dos direitos cívicos e políticos durante o Estado Novo, tendo sido detido várias vezes pela PIDE

e criou no seu atelier na Rua da Alegria uma verdadeira escola de arquitetura, por onde passaram figuras como Nuno Portas e Gonçalo Byrne.

Teotónio Pereira foi um humanista reservado. Um homem que acreditava que o ser se fazia em ação. A vida de Nuno Teotónio Pereira foi uma vida de luta e de rutura. Nascido no seio de uma família muito conservadora, com uma grande tradição no setor financeiro segurador, cedo o jovem estudante de arquitetura ensaia um primeiro corte com a ideologia familiar ao suprimir o «h» do seu apelido «Theotónio». Foi também um firme opositor do regime fascista de Salazar, do qual fazia parte o tio, Pedro Theotónio Pereira, tendo sido Ministro do Comércio e Indústria e “Agente Especial” do governo Português junto do governo de Franco.

Francisco Louçã foi uma das personalidades que prestou homenagem ao arquiteto, falando de “uma dívida que nunca se paga” por ter tido um papel decisivo na construção do seu ideário social e política ainda nos tempos de liceu. O ex-líder do Bloco de Esquerda, sublinha que Teotónio Pereira foi um “revolucionário na vida e sempre que foi preciso sê-lo, e também na sua profissão de arquiteto”, lutando para que esta fosse uma arte “de e para pessoas”.

Em 1952, foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Movimento Renovador da Arte Religiosa (MRAR). A religiosidade de Nuno Teotónio Pereira era uma atitude divergente, um movimento que o aproximava do Jesus Cristo que organizou uma guerrilha espiritual de poucos discípulos. Assim, também Nuno Teotónio Pereira procurou motivar os católicos de esquerda contra um Estado decidido a manter a sua população na ignorância e na pobreza. Foi, por isso, várias vezes preso pela PIDE, tendo estado entre o grupo libertado de Caxias pela Revolução dos Cravos. Depois do 25 de Abril foi um dos fundadores do Movimento de Esquerda Socialista, procurando sempre contribuir ativamente para o desenvolvimento de um Portugal para todos.

Como arquiteto foi também uma figura incontornável, sendo a sua presença obrigatória em qualquer história da arquitetura portuguesa. Estudou na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa onde se formou em 1949, já depois de ter colaborado com o arquiteto Carlos Ramos e de ter participado no 1º Congresso Nacional de Arquitetura em 1948, onde os representantes da disciplina em Portu-

gal se insurgem pela primeira vez contra a arquitetura “tradicionalista” do regime, reclamando a necessidade de uma arquitetura moderna que seguisse os princípios da Carta de Atenas.

Teotónio Pereira foi várias vezes condecorado ao longo da sua vida. Em 1995 é-lhe atribuída a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, em 2004 a Grã-Cruz da Ordem do Infante, em 2003 recebe o grau de doutor *honoris causa* pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e, em 2005, o mesmo título é-lhe atribuído pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

A sua arquitetura era reflexo da pessoa que era. Uma arquitetura feita sempre em comunidade e para a comunidade. Foi um dos últimos arquitetos que encarou a profissão como uma missão social, que viu a arquitetura como uma arte capaz de aproximar as pessoas e de melhorar a sua vida. Hoje, neste mundo privatizado, a sociedade e o público perderam relevância, aquilo que é público não rende. Procurou sempre projetar edifícios que convidassem a cidade a entrar atribuindo aos espaços uma vida social muito forte. São exemplos disso o Bloco da Águas Livres, na Praça das Águas Livres, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Camilo Castelo Branco e o Edifício de Escritórios e Comércio “Franjinhãs”, na rua Braamcamp, todos em Lisboa.

Em abril de 2015, foi distinguido com o Prémio Universidade de Lisboa 2015 pelo exercício “brilhante” na área da arquitetura e como “figura ética”. Três anos antes fora a Igreja Católica que lhe reconheceu o trabalho, com o júri do Prémio Árvore da Vida a referir como “num momento nacional dramático para a arquitetura, profissão que tem sido duramente flagelada pela crise económica, pensamos que a estatura ética e criativa de Nuno Teotónio Pereira representam uma lição de humanidade para todos nós e uma luz oportuníssima para pensar o lugar e o modo da arquitetura reinscrever-se no presente e no futuro.”

Fica-nos a eterna memória de um homem profundamente comprometido com o seu tempo e com os outros, uma arquitetura que nos ensinou a ser portugueses modernos, e fica-nos uma provocação do homem que nos diz: “Podemos ser, se quisermos, elementos ativos, podemos ajudar poderosamente a construir o futuro, a dar a essa nova civilização uma marca bem humana”.

Com João Vaz Pinto